

"Euclides descobriu a Terra, as gentes interiores e as gentes delas, os curibocas, os sertanejos e os caueiros, os sertões adustos do Nordeste e aquela Amazônia perigosíssima e estuante, "a última página a escrever-se no "Geneses", a "terra infante" a terra em ser, a terra que está

ATUALIDADE DE EUCLIDES DA CUNHA

ainda crescendo". (8).

Esa afirmativa de Lúcio Cardoso situa com muita felicidade o pensamento euclidiano na evolução de nossa literatura.

É preciso observar também que não é só "Os Sertões" o único trabalho de vulto

do inesquecível escritor. "Contrastes e Confrontos" e "A margem da história" são também estudos notáveis de interesse marcante, a quem quer que desejasse conhecer a nossa história, nossos problemas e até questões internacionais da mais alta importância.

A desnacionalização do Brasil, a região, o segundo império, a região amazônica, a situação da mentalidade brasileira no fim do império, a devastação das matas, as secas, a constituição de 1891, a questão social que inspirou penetrantes estudos para o Brasil de 1900, além de muitos outros assuntos, tiveram amplo desenvolvimento dessa privilegiada inteligência. Também a crítica literária teve estudos notáveis, como se evidencia no discurso de recepção da Academia Brasileira de Letras, onde analisa Valentim Magalhães e o magnífico prefácio que escreveu para os "Poemas e Canções" do ilustre poeta Vicente de Carvalho.

Dai a lapidar expressão de Gilberto Freyre: "Euclides da Cunha, escrito diantadissimo para o Brasil de 1900 que ele foi: escritor fortalecido pelo traque, científico, enriquecido pela cultura sociológica, arquado pela especialização geográfica" (9).

O estudo da terra foi para ele um reocupação absorvente. Nada faria mais sua sensibilidade que o abandono e o soso hinterland, a destruição de nossas riquezas, a miséria em que vegetava o nome do Brasil.

Fez sérias e oportunas advertências contra o cosmopolitismo dissolvente, que apavorava o espírito lúcido de EDUARDO PRADO, nome que, criminosamente, temos esquecido.

Dizia Euclides: "Ao adquirirmos a autonomia política, talvez porque com elidicamente se deslocasse toda a vida nacional para os litorais agitados — OLVIDAMOS A TERRA; e os explodores d'ela, e os encantos das paisagens, e os deslumbramentos reconditos das minas, e as energias virtuais do solo, e as transfigurações fantásticas da flora, entregam-nos numa INCONCIÊNCIA DE PRODIGO; SEM TUTELA, à contemplação, ao estudo, ao entusiasmo e à glória imperfecciva de alguns homens de outros climas". (10)

E noutra passagem: "Alheiamo-nos desta terra. Criámos a extravagância de um exílio subjetivo, que dela nos afasta enquanto vagueamos como sonâmbulos pelo seu seio desconhecido". (11).

Desejava que tivéssemos um patriotsmo consciente, ativo, atento à realidade de fatos. Procurava convencer seus e nortaporâneos do domínio do homem sobre a terra afirmando: "A exploração científica da terra — coisa vulgaríssima hoje em todos os países — é uma preliminar obrigatória do nosso progresso, da qual nos temos esquecido, porque neste ponto rompemos com algumas das mais belas tradições do nosso passado. Realmente, a simples contemplação dos últimos dias do regime colonial, nas vésperas da independência, revela-nos as figuras esculturais de alguns nomes que hoje mal avallamos, tão aquecidas andam as nossas energias e tão grande o descaso e o desumor com que nos voltamos para os interesses reais deste país". (12)

Pertencendo à geração republicana, tendo trabalhado pela implantação do novo regime, Euclides, breve, se deslindou. E proferiu amargas verdades, entre as quais a de achar que não foi o Marechal Floriano Peixoto que subiu e sim o Brasil que desceu...

Reconheceu a força unificadora da monarquia. Julgou o 15 de Novembro de 1889 uma exagerada glorificação de ministérios. E foi implacável em vislumbrar os erros e desvios da mocidade estudiosa do fim do Império, que lhe inspirou sérias compreensões. De lá nascem os senso respeito, o bom humor, a grande plenipotenciário, o bom senso equilibrado e da nosa seriedade. A sua bela meia ciência, tão ornada de exercitos hebreicos e das estrelas da astronomia doméstica de Flammarion, mas anciamente atraída para o convívio dos sábios e a contumaz frequentadora de institutos, era a nossa mesma ancia, talvez precipitada, mas notabilíssima de acertar, e a sua bonhomia, os seus hábitos modestos e simples, os mesmos hábitos modestos, certo, sem brilho, mas em todo o caso decentes, como que andávamos na história". (13).

de todos os sentidos; e reduziam-se a fórmulas irritantes de UMA CATURRICE DOUTRINARIA INATURAL, e acabavam fazendo-se palavras, meras palavras, rígas, secas, desfibradas, disfarçando a pobreza e na vestimenta das mais preenadas maiúsculas do alfabeto.

Houve então o soleníssimo prestígio do socialismo, da Evolução, do incógnito, do incognoscível, em que se amataram, intrusas, algumas velhas carpideiras do romantismo: a Justiça, a Escola, A Liberdade...

Assim, não maravilha que a nova geração, do avançar aforrado, NAO SOU, afinal, por onde seguir?". (13).

E em outro trecho o antigo propagandista da república redimindo-se dos erros e superficialidades dos primeiros anos, ainda e mais veemente em analisar o eterno crepúsculo do império liberal e mentalidade dos pretensos reformadores de nossa vida política e social: quando a peregrina palavra "evolução" tornou a rima fácil de todos os versos, OMPÉMOS COM ESTA LEI FUNDAMENTAL DA HISTÓRIA — tão bem expressa na continuidade de esforços dos estados sociais sucedendo-se com um determinismo progressivo — e apresentando o quadro de uma desordem intelectual que, depois de refletir-se no despatado de não sei quantas filosofias decepcionadas, nos impõe, na ordem política, A AÍS FUNESTA DISPERSAO DE IDEIAS, levando-nos aos saltos e ao aca-

DO ARTIFICIALISMO DA MONARQUIA CONSTITUCIONAL PARA A USUA METAFÍSICA DA SOBERANIA DO POVO ou para os exageros da tadura científica, ao mesmo passo que a ordem artística famosa dos desfalecentes de um romantismo murcho, às desias de um falso realismo, QUE ERA A IOR DAS IDEALIZAÇÕES, PORQUE RA A IDEALIZAÇÃO DOS ASPECTOS INFERIORES DA NOSSA NATURALEZA". (14).

Periuscando, demoradamente, a região nazônica, Euclides escreveu penetrantes conceitos sobre "o inferno verde", ostroando, especialmente, o trabalho de osso do rio Amazonas, a exploração útil do seringueiro, para o que reclamava, urgentemente, um código de trabalho, e o esforço ciclópico do cearense, fazendo referências e comentários a estudos de Fred Katzer, Humboldt, Goeldi, Wallace, Mawe, Edwards, d'Orbigny, Harttius, Bates, Agassiz, Hartt, Herbert Smith e Alexandre Rodrigues Ferreira. Pinou que o Peru tinha que transpor os Andes e procurar uma saída para o Atlântico pelo rio Amazonas. Preconizou construção de uma estrada de ferro de Belém ao Sul ao Acre, mostrando que percurso de um mês seria feito em 2 dias.

Renovou os estudos de nossa história, usando justiça ao caluniado e benemérito João VI, que, no seu dizer, era um stóico e um sincero e que comprehendeu com plena lucidez todas as necessidades do Brasil de seu tempo, onde "tudo estava por fazer".

Reputou Caxias "a escora de um reino".

Mostrou a evolução desigual do Brasil, citando como exemplos frisantes que nem a inconfidência mineira abalou ao norte e nem a guerra holandesa ao sul do Brasil.

Denunciou o perigo da imigração alemã no sul do país.

Fez plena justiça ao Império, quando no começo da república se propagava que, afinal, o Brasil se havia integrado (?) na América, porque adotava suas instituições, advertindo: "A república tirou-nos o remanso isolador do Império para a PERIGOSA SOLIDARIEDADE SUL AMERICANA". (15). E focalizando a personalidade de D. Pedro II comentava: O Imperador, em que pese à sua educação europeia e suas sensíveis falhas de cultura, era o grande plenipotenciário, nosso bom senso equilibrado e da nosa seriedade. A sua bela meia ciência, tão ornada de exercitos hebreicos e das estrelas da astronomia doméstica de Flammarion, mas anciamente atraída para o convívio dos sábios e a contumaz frequentadora de institutos, era a nossa mesma ancia, talvez precipitada, mas notabilíssima de acertar, e a sua bonhomia, os seus hábitos modestos e simples, os mesmos hábitos modestos, certo, sem brilho, mas em todo o caso decentes, como que andávamos na história". (16).